



METAPESQUISA ACERCA DO CRUZAMENTO VOCABULAR COMO UM PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: CRIATIVIDADE E RENOVAÇÃO LEXICAL



META-RESEARCH ON LEXICAL BLENDING AS A WORD FORMATION PROCESS IN CONTEMPORARY BRAZILIAN PORTUGUESE: CREATIVITY AND LEXICAL RENEWAL

Patricia de Oliveira MORAIS
Universidade Federal do Pampa, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA
RECEBIDO EM 16/05/2023 • APROVADO EM 09/10/2023
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v12i3.901>

Resumo

A renovação lexical é um fenômeno permanente representativo do dinamismo linguístico que incorpora palavras novas ao léxico, enquanto algumas caem no esquecimento e outras tantas persistem no uso popular. Por esse prisma, o presente artigo tem como objetivo verificar como o processo de cruzamento vocabular tem sido abordado no âmbito da morfologia, em estudos recentes, tendo em vista a popularidade desse processo no atual estágio da língua. Como procedimento metodológico, partindo de uma metapesquisa, fez-se um levantamento de artigos científicos publicados entre os anos de 2017 e 2021, dentre

os quais inventariou-se um total de nove pesquisas, nas quais foram selecionadas algumas criações lexicais cuja análise foi apresentada. Os resultados apontam para a abundância de cruzamentos vocabulares nos mais diversos contextos de comunicação, bem como uma certa regularidade na formação desses itens lexicais, tornando-os passíveis de sistematização.

Abstract

Lexical renewal is a permanent phenomenon representative of the linguistic dynamism that incorporates new words to the lexicon, causing some to fall into oblivion, while many others persist in popular usage. From this point of view, this article aims to verify how the lexical blending process has been approached, in the scope of morphology, in recent studies, considering the popularity of this process in the current stage of language. As a methodological procedure, assuming it is a meta-research, a survey of scientific papers published between 2017 and 2021, among which a total of nine researches were inventoried, whose lexical creations were selected and analyzed. The results indicate the abundance of lexical blendings in different contexts of communication, as well as a certain regularity in the formation of these lexical items, making them subject to systematization.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Cruzamento vocabular. Morfologia lexical. Criatividade lexical.

Keywords: Lexical blending. Lexical Morphology. Lexical creativity.

Texto integral

Introdução

É inegável que os processos concatenativos de formação de palavras são os principais responsáveis pela ampliação lexical na língua portuguesa (SCHWINDT, 2014; GONÇALVES, 2016; HENRIQUES, 2021), a exemplo da composição (vale-transporte) e da derivação prefixal (*antirracista*) ou sufixal (*possivelmente*), em que há o encadeamento linear das formas. Contudo, a criação de novos vocábulos nem sempre se dá pelo acréscimo de peças morfológicas e tampouco pode-se ignorar que a língua portuguesa dispõe de vários processos de criação vocabular, como os processos não concatenativos, caracterizados pela ausência de encadeamento entre as formas.

Dentre os processos de formação de palavras da morfologia não concatenativa merece destaque o processo de cruzamento vocabular que, apesar de frequentemente rotulado como marginal, tem se mostrado um processo bastante usual e abundante no atual estágio da língua (GONÇALVES, 2016). Cruzamentos vocabulares são criados a partir da necessidade de nomear novos fatos sociais, relações, eventos, objetos e demonstram a criatividade linguística por parte do usuário da língua, que inova ao combinar duas palavras formando uma terceira.

A língua, enquanto um sistema vivo e dinâmico, está em constante mudança e, sendo esta “um patrimônio de toda uma comunidade linguística, a todos os membros dessa comunidade é facultado o direito de criatividade léxica” (ALVES,

2007, p. 6). Nesse contexto, o léxico, tido como um conjunto de palavras e padrões gerais de estruturação (BASILIO, 2004), se expande e vai além dos processos canônicos de formação de palavras prescritos em gramáticas tradicionais e livros didáticos. Dito de outro modo, a língua em sua dinamicidade está naturalmente sujeita à variação e à mudança, e a renovação lexical é o reflexo das mudanças sociais às quais todos estão sujeitos.

Diante do exposto, o presente artigo está inserido nos estudos de formação de palavras e tem como objetivo verificar como o processo de cruzamento vocabular tem sido abordado no âmbito da morfologia. No que tange à metodologia, por meio do Google Acadêmico, foi feito um levantamento de artigos científicos que descrevessem esse processo no português brasileiro. Após esse levantamento, inventariou-se um total de nove pesquisas a partir de três critérios de seleção, a saber: i) período de cinco anos (2017-2021); ii) artigos publicados em periódicos classificados no Qualis CAPES (independentemente da classificação) e iii) artigos com autoria de, pelo menos, um doutor em linguística. Para a análise dos dados, o foco incidiu sobre dois aspectos: i) estrutura e ii) criatividade lexical. Vale ressaltar que a realização deste estudo justifica-se pela escassez de trabalhos que têm o cruzamento vocabular como objeto de estudo, mesmo tendo em vista que esse é um processo que tem se mostrado uma tendência na variedade brasileira da língua portuguesa.

Este artigo está organizado em cinco seções. Após esta introdução, na seção 2, apresenta-se uma breve revisão da literatura acerca dos cruzamentos vocabulares, destacando algumas evidências que levam ao entendimento da regularidade do processo. A seção 3 apresenta a metodologia da pesquisa, descrevendo o processo de levantamento dos dados, bem como os critérios de seleção destes e os procedimentos de análise. Na seção 4 são apresentadas a análise e a discussão dos dados. Por fim, a seção 5 traz as considerações finais.

1 Cruzamento Vocabular

O cruzamento vocabular (CV) é um processo não concatenativo de formação de palavras que envolve a fusão de duas bases já existentes para a criação de um novo item lexical, a exemplo de *família* (família + milícia), *namorado* (namorado + marido) e *crepioca* (crepe + tapioca), para citar apenas algumas das formações mais recentes.

De acordo com Gonçalves (2021), no português, até onde se tem conhecimento, o cruzamento vocabular foi primeiramente abordado por Sandmann (1985), em seu manual *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Desde então, o fenômeno é também chamado de palavra-valise (ALVES, 1990), amálgama (MONTEIRO, 1991), *portmanteau* (PIÑEROS, 2000; ARAÚJO, 2000), *blends* lexicais (GONÇALVES, 2003), fusão vocabular expressiva (fuve) (BASILIO, 2005) e mistura (SANDALO, 2005).

Para Sandmann (1985, p. 150), “as diversas designações propostas pelos autores são certamente um sinal de que nenhuma abrange todos os aspectos desse tema tão variado [...]”. Segundo Fandrych (2008), o termo *cruzamento* é metafórico, pois refere-se à mistura de partes de palavras existentes. Nesse sentido, suas formas refletem, iconicamente, suas palavras-fonte. Logo, percebe-se

que conceituar cruzamento não é uma tarefa tão simples. Em busca de definições do termo, foram consultados alguns dicionários de linguística, a saber: *Dicionário de linguística* (DUBOIS *et al.*, 2006); *Dicionário de linguagem e linguística* (TRASK, 2008); *Dicionário de linguística e gramática* (CAMARA JR., 2009) e *Dicionário de fonética e fonologia* (CRISTÓFARO SILVA, 2011)¹.

Inicialmente, é preciso mencionar que nenhuma entrada foi encontrada no *Dicionário de linguagem e linguística* (TRASK, 2008). No *Dicionário de linguística* (DUBOIS *et al.*, 2006), o fenômeno em consulta recebe o nome de *cruzamento léxico*, cujo processo se dá pela “associação entre duas palavras que produz como resultado, por contaminação, uma terceira forma” (DUBOIS *et al.*, 2006, p. 162).

Já no *Dicionário de linguística e gramática* (CAMARA JR., 2009), o registro leva a entrada *analogia*, que dá pistas do que seria uma particularidade do cruzamento vocabular. De acordo com Camara Jr. (2009, p. 58), analogia é a “mudança linguística em que há uma interferência do plano formal da língua no plano fonológico [...]”. A motivação para isso é exemplificada pelo autor com a forma *estrela*, “do lat. *stella*, onde, além da associação *-st-*: *-str-*, temos a analogia de *astru-* no mesmo campo semântico” (p. 59). Desse modo, tal motivação é decorrente da associação de configurações fonológicas e/ou morfológicas, havendo, nesse caso, concorrência de ambas.

No *Dicionário de fonética e fonologia* (CRISTÓFARO SILVA, 2011), por sua vez, a pesquisa por *cruzamento* leva ao conceito de *mesclagem lexical*, sendo definido como a “fusão de duas palavras que juntas produzem e criam novos significados” (p. 151). Em razão da especialidade do dicionário, a autora evidencia que o fenômeno em questão se adequa ao comportamento fonológico geral da língua, sendo perceptível a aplicação de fenômenos fonológicos.

A formação de unidades lexicais a partir de segmentos² de duas palavras-matriz é a principal característica que aproxima os cruzamentos vocabulares da composição, em especial os compostos por aglutinação. Alguns autores, como Sandmann (1992) e Basilio (2010), discutem a relação entre esses processos concordando que o cruzamento vocabular pode ser considerado como um tipo de composição. É compreensível essa discussão, no entanto, é preciso evidenciar que, diferentemente dos CVs, nos quais nota-se o caráter intencional das formações, nos compostos por aglutinação não é possível atestar que haja intencionalidade, ou seja, a consciência de se estar a criar um item lexical voltado a um determinado efeito pragmático, visto que a aglutinação pode ter se dado ao longo do tempo, a exemplo de *embora* (em boa hora) e *vinagre* (vinho acre).

Uma outra característica que difere o CV da composição é a capacidade de manter os traços semânticos de suas formas de base, pois “mesmo expressando um novo significado com traços que só nele estão presentes, sempre deixa transparecer os traços semânticos das palavras que lhes deram origem” (ANDRADE, 2016, p. 43).

¹ Os dicionários mencionados foram consultados devido a sua importância na área da linguística, bem como pela importância desses autores nessa área do conhecimento.

² Segmentos são entendidos, aqui, como unidades de representação de sons consonantais ou vocálicos (CRISTÓFARO SILVA, 2011).

Pode-se observar pelo menos dois mecanismos³ de formação dos cruzamentos vocabulares, a saber: (i) por entranhamento lexical, decorrente da fusão de duas unidades lexicais, pertencentes ou não a uma mesma classe gramatical, em que há a superposição de uma à outra, dessa forma havendo compartilhamento de material fonológico e (ii) por combinação truncada, em que há o truncamento de uma ou duas das bases, não havendo, assim, casos de ambimorfemia⁴ (GONÇALVES, 2019a). Exemplos desses dois mecanismos podem ser encontrados na citação direta abaixo.

Andrade (2016) defende que o processo de cruzamento vocabular é regular e passível de sistematização e que, apesar da aparente irregularidade, as bases envolvidas nesse processo não são mescladas de forma aleatória. A autora (2016, p. 37-38) exemplifica essa asserção:

Nas do tipo 1 [entranhamento lexical], em que há semelhança fônica de sílabas e/ou pauta acentual, se as duas palavras de base forem monossilábicas, a quebra é determinada pela rima, como no único exemplo de que se tem notícia ‘pãe’ (< pai + mãe); ao passo que, se não monossilábicas, a ruptura se dá na sílaba comum a ambas, preservando suas sílabas tônicas, ou no segmento compartilhado da sílaba tônica, como se verifica em ‘sacolé’ (< saco + picolé) e ‘cantriz’ (< cantora + atriz), nesta ordem. [...] Já nas do tipo 2 [combinação truncada], em que as bases não necessariamente apresentam segmentos coincidentes, há casos em que ambas as bases são encurtadas, a exemplo de ‘Brasgentina’ (< Brasil + Argentina), ou apenas uma o é, como ocorre em ‘showmício’ (< show + comício).

De acordo com Sandmann (1992, p. 58), o lugar em que se faz a quebra “é naturalmente opção de quem cria a palavra, ressaltando-se que deve ser respeitada a estrutura silábica da língua”. No entanto, a partir de estudos mais recentes (GONÇALVES, 2016; ANDRADE, 2016; AMORIM, 2012), é possível observar regularidade nos mecanismos de cruzamento vocabular, visto que o processo está “subordinado a condições prosódicas” (ANDRADE, 2016, p. 34).

No que se refere à estrutura morfológica dos cruzamentos vocabulares, pode-se considerar que são formados por lexemas integrais, ao contrário de propostas que consideram que em CVs há partes de lexemas. Piñeros (2000), ao partir do pressuposto de que um morfema é uma unidade de significado, afirma que é possível identificar três morfemas em um *blend*, formado a partir da combinação de duas palavras morfológicas, gerando uma terceira, um novo lexema que constituirá uma palavra morfológica complexa. Na Figura 1, MWd refere-se à palavra morfológica (*Morphological Word*) e MWd* à palavra morfológica complexa:

³ Desconsidera-se, aqui, o mecanismo de reanálise (ou substituição sublexical), um tipo de analogia que consiste na reinterpretação e substituição de parte de uma palavra, a exemplo de *madrasta*, em que a sequência /ma/ é interpretada como estruturada a partir do adjetivo *má*.

⁴ Termo cunhado por Piñeros (2000) para designar o compartilhamento de material fonológico entre segmentos sobrepostos no processo de *blending*.

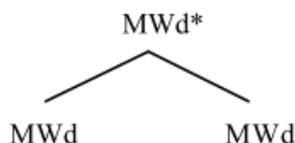


Figura 1 – Representação da estrutura morfológica dos *blends*.

Fonte: Piñeros (2000, p. 3).

Como se pode observar, duas palavras morfológicas (MWd + MWd) participam da formação de um novo item lexical (MWd*). Piñeros (2000) argumenta que o significado de ambas as entradas permanece na palavra morfológica complexa, sendo assim, o significado de um CV seria composicional, evidenciando que há uma estrutura morfológica interna nessas formações.

Basilio (2010) corrobora a proposta do autor supramencionado de que cruzamentos vocabulares são formados por lexemas integrais e não parciais. Para a autora, a integração entre os lexemas se dá, ao mesmo tempo, pela via fonológica e pela via semântica, de modo que “fonologicamente, o qualificador se incorpora na palavra base, passando a fazer parte dela, integralmente, [...] semanticamente, a qualificação se integra à denominação” (BASILIO, 2010, p. 204).

No que diz respeito ao valor das unidades lexicais, as formas resultantes desse processo são, em geral, de cunho pejorativo, irônico. Conforme Sandmann (1992, p. 59), o “traço que caracteriza muitos cruzamentos vocabulares é sua especificidade semântica, isto é, eles vêm muitas vezes carregados de emocionalidade, sendo que esta é depreciativa, às mais das vezes, e com pitadas de ironia”. Evidência disso são os exemplos de *mautorista* (mau + motorista, referente ao mau condutor), *lixeratura* (lixo + literatura, termo que remete à literatura de má qualidade), *aborrescente* (aborrecer + adolescente, alusão ao adolescente que aborrece) e *feminazi* “(mistura de ‘feminista’ com ‘nazista’, ‘referência pejorativa à militância feminina pela igualdade de direitos’)” (GONÇALVES, 2019a, p. 152).

Nos exemplos acima, em que há um elemento qualificador que se entranha à palavra base, é possível perceber o valor depreciativo dessas formações, mostrando a externalização da subjetividade do emissor, que imprime uma avaliação negativa com relação a algo ou alguém. Dessa forma, fica clara a força expressiva desse processo de formação de palavras. Também é possível encontrar formações neutras (ANDRADE, 2016) já bastante conhecidas, como *sacolé* (saco + picolé), *chocotone* (chocolate + panetone), *showmício* (*show* + comício), bem como formações neutras mais recentes, a exemplo de *quarentreino* (quarentena + treino, referência à prática de exercícios físicos feita em casa no período de isolamento social devido à pandemia de *COVID-19*) e *arentena* (carente + quarentena, termo que remete ao período de carência, necessidade afetiva durante o isolamento social)⁵.

⁵ Os últimos dois exemplos foram retirados da fala do Professor Maurício Resende na mesa-redonda intitulada “A pandemia: como falar e como não falar dela” do 68º seminário do GEL (Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo).

Cruzamentos vocabulares de avaliação positiva, apesar de poucos, também são encontrados, como *argasmo*⁶ (ar + orgasmo, alusão à sensação de alívio ao retirar a máscara de proteção contra a COVID-19), *maravilinda* (maravilhosa + linda) e *gratiluz* (gratidão + luz). Com relação aos dois últimos exemplos, produtos da combinação truncada, Gonçalves (2016), na esteira de Basilio (1987), atribui a essas formações a função de rotulação, habilidade de renovação lexical em que os CVs são mais descritivos que expressivos, ao contrário dos exemplos arrolados acima, nos quais sobressai a função atitudinal, colocando em evidência a opinião por parte do emissor.

No âmbito dos estudos de formação de palavras, o termo *produtividade* é largamente utilizado e, apesar de ser entendido de diferentes formas pelos estudiosos, pode-se considerar que a noção está relacionada à formação de palavras por regras. De forma mais ampla, para Gonçalves (2019a), os “formativos são considerados produtivos se, nos dias de hoje, respondem por novas formações lexicais, independentemente do volume de palavras que gerem” (p. 132). De acordo com Aronoff (1976), a noção de produtividade, apesar de amplamente usada nos estudos de morfologia derivacional, é ainda um dos mistérios centrais da área. Villalva (2000), por sua vez, ao abordar os sufixos de flexão, defende que a flexão é um típico processo produtivo.

De acordo com Basilio (2010), há vários problemas na abordagem morfológica de que regras produtivas definem possíveis novas construções, uma vez que “não preveem formações como fusões vocabulares, consideradas como ‘não naturais’, ‘parte de dialetos específicos’, e assim por diante” (p. 206). Ainda em consonância com a autora, com base em Kemmer (2003), tendo em vista que esse processo não se encaixa na morfologia baseada em regras, as fuves (fusões vocabulares expressivas) podem ser analisadas a partir de esquemas, em que há a sobreposição de um item lexical qualificador a uma palavra base fonologicamente semelhante, ou seja, “abstrairmos de um número de formações [...] um esquema geral, que pode ser usado para formar novas construções” (BASILIO, 2010, p. 207). Levando em consideração que as fusões vocabulares são responsáveis por novos itens lexicais que são criados a todo momento, pode-se afirmar que se trata de um processo produtivo na atual sincronia da língua portuguesa. Ainda segundo a autora, tendo em vista que a aceitabilidade das fuves não depende exclusivamente de um mecanismo específico, pois sua formação não está baseada em regras, é preciso levar em consideração o papel da criatividade para a análise desse processo⁷.

A noção de criatividade, assim como a de produtividade, é uma noção complexa. Segundo Duarte (2001), a criatividade (linguística) é um conceito que não está relacionado à imaginação ou à originalidade, mas a uma “propriedade do uso da língua que envolve três aspectos: caráter ilimitado (que alguns autores denominam ‘produtividade’), independência do controlo de estímulos e adequação à situação” (DUARTE, 2001, p. 114). O caráter ilimitado diz respeito à possibilidade

⁶ Dado retirado do perfil @gramatimemes na rede social Instagram. O perfil, criado com o intuito de abordar e discutir fenômenos gramaticais encontrados na internet, é administrado pela Professora Luciana Sanchez Mendes (UFF).

⁷ É válido ressaltar que Basilio (2010) propõe uma distinção entre regras de formação de palavras (RFP) e regras de análise estrutural (RAE).

de nomear objetos e descrever novos eventos e estados. A independência do controle de estímulos refere-se ao fato de que estímulos externos ou internos podem, em um mesmo indivíduo, provocar ou não a produção de enunciados, em decorrência de diversos fatores. Para a autora, essa característica “mostra que o comportamento linguístico humano é essencialmente um comportamento intencional, que envolve tomadas de decisão dos falantes baseadas numa análise mais ou menos elaborada das situações” (DUARTE, 2001, p. 117). Já a adequação à situação está relacionada à forma dada ao enunciado pelo falante conforme o contexto em que é produzido. Em outras palavras, o falante escolhe um determinado estilo e vocabulário de acordo com a situação e a relação com os demais partícipes da interação verbal (DUARTE, 2001).

A criatividade é, provavelmente, o principal aspecto dos cruzamentos vocabulares. Nos exemplos apresentados neste trabalho, fica evidente a criatividade lexical do usuário da língua que cria novos itens lexicais a fim de denominar fenômenos, eventos e objetos do contexto social no qual está inserido. Devido a sua expressividade, o CV é também bastante utilizado em publicidades: para Sandmann (1993), nos textos de propaganda os cruzamentos vocabulares são tão produtivos quanto os formativos com marcas de grau.

Em virtude da forte motivação expressiva, dos conhecimentos da atualidade mobilizados na formação de CVs e, conseqüentemente, de sua estreita relação com o contexto no qual foram criados, os itens lexicais formados a partir de cruzamento são tidos como efêmeros. Isso se deve ao fato de que, em geral, não sobrevivem ao ponto de adentrarem o repertório linguístico de uma comunidade. De acordo com Sandmann (1992), tal característica de forma alguma “lhes tira o mérito ou a graça, sinal que são da criatividade e inventividade do código e de seus usuários” (p. 60).

Contudo, há formações que resistem ao tempo e acabam sendo dicionarizadas, a exemplo de *futevôlei*, *futsal*, *sacolê* e *portunhol*. Com relação à dependência de contexto, Basilio (2010) assegura que “[...] fuves não se prendem a um único contexto de utilização e podem ser perfeitamente compreendidas, em sua expressividade, fora de seus contextos de origem”. (BASILIO, 2010, p. 205-206). Dessa forma, pode-se afirmar que as palavras formadas pelo processo de cruzamento vocabular não são tão limitadas quanto parecem, o que conseqüentemente possibilita uma vida maior a esses vocábulos, uma vez que podem ser empregados nos mais diversos contextos de uso.

Na seção subsequente serão apresentados os procedimentos metodológicos deste trabalho.

2 Metodologia

Esta pesquisa tem como objetivo verificar como o processo de cruzamento vocabular tem sido abordado no âmbito da morfologia, e seu *corpus* de análise foi obtido por meio de uma coleta na ferramenta Google Acadêmico. Para tanto, foi feito um levantamento de pesquisas que abordassem o processo de cruzamento vocabular a partir dos seguintes critérios de seleção dos dados: i) período de cinco anos (2017-2021); ii) artigos publicados em periódicos classificados no Qualis CAPES (independentemente da classificação) e iii) artigos com autoria de, pelo menos, um doutor em linguística. O critério temporal aplicado justifica-se pela

atualidade, pela necessidade de se observar o fenômeno em tempos mais recentes. O segundo critério foi selecionado pela qualidade normalmente aferida aos artigos publicados em periódicos científicos classificados no Qualis CAPES. O terceiro critério de seleção ampara-se na especialidade dos autores.

A partir da aplicação dos critérios mencionados acima, foi obtido um número extenso de resultados e, dentre esses, havia pesquisas com enfoque no Português Europeu (PE) e/ou em contraste com o Português Brasileiro (PB). Tendo em vista o foco deste artigo, analisar o fenômeno na variedade brasileira, um outro critério foi selecionado, a saber: iv) artigos que descrevessem o PB em uma perspectiva sincrônica. Para um refinamento final, não foram consideradas pesquisas que mencionaram o fenômeno de forma meramente pontual, sem descrevê-lo.

Para a análise dos dados foram selecionadas duas categorias de análise: i) estrutura e ii) criatividade lexical. Sendo assim, tendo por base Gonçalves (2019a) e Basilio (2010), busca-se verificar a regularidade nos itens lexicais formados por cruzamento vocabular, bem como mostrar a inovação lexical no PB contemporâneo a partir do processo de formação de palavras em questão. Devido às limitações de espaço, foram escolhidos de dois a cinco exemplos de CV de cada pesquisa.

Da aplicação de todos os critérios, foram localizados nove artigos que abordam o processo de cruzamento vocabular, publicados entre 2018 e 2021, conforme apresentados no Quadro 1.

Quadro 1: Artigos selecionados para análise⁸

Autor	Título
1. Soledade (2018)	A hipótese da prevalência de construções biformativas em processos concatenativos e não concatenativos na formação de antropônimos neológicos no Brasil
2. Cardoso; Takakura (2019)	Palavra desordem: os jogos lexicais de Arnaldo Antunes
3. Gonçalves (2019b)	A crença nas palavras: (des)construções lexicais em antropônimos de líderes religiosos
4. Bevilacqua; Silva (2020)	Morfologia concatenativa e morfologia não concatenativa: do princípio morfológico ao princípio prosódico
5. Gonçalves (2020a)	Uma análise construcional das (de)formações lexicais com os nomes do atual chefe do executivo

⁸ Essa mesma convenção numérica será utilizada para a análise dos dados.

6. Gonçalves (2020b)	Uma análise construcional das formações lexicais baseadas em <i>coronavírus</i> no português brasileiro contemporâneo
7. Ferraz; Liska (2021)	Pandemia e neologia em manchetes jornalísticas: criatividade lexical em foco
8. Gonçalves; Silva (2021)	O fenômeno da <i>shippagem</i> na nomeação de casais: um novo emprego do cruzamento vocabular
9. Silva; Castorino; Xavier (2021)	Inovação lexical na rede social: as criações neológicas para nomes de festas universitárias no <i>Facebook</i>

Fonte: Elaboração própria.

Esta pesquisa se caracteriza como uma metapesquisa. Trata-se de uma pesquisa sobre pesquisas, como o nome sugere, que consiste em compilar sistematicamente e analisar estudos sobre um determinado tema a fim de fornecer um panorama e integrar evidências relativas a uma questão e um assunto específicos (FREITAS, 2018).

De acordo com Mainardes (2018), no campo das Ciências Humanas e Sociais, a metapesquisa é utilizada para “realizar uma avaliação das pesquisas, identificar características, tendências, fragilidades e obstáculos para o desenvolvimento de um campo ou temática de pesquisa” (p. 306). Ainda segundo o autor, a metapesquisa difere da revisão de literatura, uma vez que a primeira é “orientada para a disciplina (área ou campo) e está engajada com os avanços da pesquisa na disciplina (área ou campo)”, já a segunda está orientada “para projetos de pesquisa: as pesquisas precedentes são revisadas principalmente como uma fase preparatória para a realização de novos projetos de pesquisa” (p. 306). Segundo Freitas (2018), a metapesquisa não se limita a apresentar um histórico do desenvolvimento de pesquisa de um determinado tema, mas, também, “adota procedimentos sistemáticos para organizar os dados advindos das pesquisas (com foco em algum interesse na área)” (p. 42).

A seguir, no Quadro 2, para que se tenha uma visão geral do que trata cada pesquisa, apresenta-se uma síntese dos objetivos dos artigos elencados.

Quadro 2: Objetivos dos artigos

Autor	Objetivos
1. Soledade (2018)	Em “A hipótese da prevalência de construções biformativas em processos concatenativos e não concatenativos na formação de antropônimos neológicos no Brasil”, a autora parte da hipótese de formações biformativas na neologia antroponímica brasileira. Para isso, a autora objetiva confirmar a hipótese a partir do levantamento e da análise de um amplo conjunto de

	dados provenientes do censo 2010 do IBGE.
2. Cardoso; Takakura (2019)	Em “ <i>Palavra desordem: os jogos lexicais de Arnaldo Antunes</i> ”, as autoras analisam os jogos com a linguagem em alguns poemas publicados na obra <i>Palavra desordem</i> de Arnaldo Antunes com o objetivo de verificar “de que forma, com suas experimentações poéticas, são obtidos os mais variados efeitos de sentido” (p. 72).
3. Gonçalves (2019b)	Em “A crença nas palavras: (des)construções lexicais em antropônimos de líderes religiosos”, o autor mapeou os processos morfossemânticos de formações expressivas provenientes de nomes e sobrenomes de personalidades polêmicas na esfera religiosa. Embasado em um <i>corpus</i> construído a partir de exemplos coletados de fontes informais e de redes sociais, o principal objetivo desse estudo é “verificar que processos morfofonológicos são utilizados e com que funções essas formações são cunhadas” (p. 900).
4. Bevilacqua; Silva (2020)	Em “Morfologia concatenativa e morfologia não concatenativa: do princípio morfológico ao princípio prosódico”, os autores objetivam “mostrar as diferenças entre as morfologias concatenativa e não concatenativa, destacando três processos que se baseiam no princípio morfofonológico: cruzamento vocabular, truncação e siglação” (p. 354). A partir do entendimento desses processos, os autores destacam que o conceito de morfema deve ser revisto, uma vez que há elementos que não contemplam as condições de um morfema.
5. Gonçalves (2020a)	Em “Uma análise construcional das (de)formações lexicais com os nomes do atual chefe do executivo”, o autor analisou um conjunto de (de)formações lexicais que partem do prenome e sobrenome do então presidente da república. A partir de um <i>corpus</i> com cerca de 150 formações, construído pela coleta de exemplos de fontes informais e de redes sociais, o artigo tem o objetivo de “mapear os processos envolvidos nessas cunhagens expressivas e observar se um novo tipo morfológico, denominado de splinter, porção não morfêmica recorrentemente usada em séries de palavras, vem-se disseminando também em bases antroponímicas” (p. 648).

6. Gonçalves (2020b)	Em “Uma análise construcional das formações lexicais baseadas em <i>coronavírus</i> no português brasileiro contemporâneo”, o autor analisou a formação técnica <i>coronavírus</i> , desde a sua criação na esfera médica até os dias atuais. Amparado em um <i>corpus</i> de 94 formações obtidas prioritariamente em redes sociais, o artigo tem como principal objetivo “mapear, descrever e analisar as novas formações lexicais oriundas do composto neoclássico <i>coronavírus</i> , buscando representá-las através do modelo construcional de Booij (2010) para a morfologia” (p. 90).
7. Ferraz; Lis ka (2021)	Em “Pandemia e neologia em manchetes jornalísticas: criatividade lexical em foco”, os autores revelam a grande quantidade de palavras novas criadas no português brasileiro no período da pandemia de Covid-19. A partir de um <i>corpus</i> provindo de reportagens da imprensa de circulação nacional, o objetivo de sua pesquisa é “mostrar alguns aspectos da inovação lexical no português contemporâneo do Brasil, a partir das criações neológicas no âmbito da mídia eletrônica” (p. 1047).
8. Gonçalves; Silva (2021)	Em “O fenômeno da shippagem na nomeação de casais: um novo emprego do cruzamento vocabular”, os autores analisam o fenômeno da shippagem, uma prática de nomear relações afetivas que faz amplo uso do cruzamento vocabular (CV). O trabalho tem como objetivo analisar os padrões de cruzamento mais frequentes na criação de <i>ships</i> , bem como “estabelecer as principais diferenças entre CVs, de um lado, e hipocorísticos de nomes compostos e siglas, de outro, na criação de nomes oriundos da shippagem” (p. 337).
9. Silva; Castorino; Xavier (2021)	Em “Inovação lexical na rede social: as criações neológicas para nomes de festas universitárias no <i>Facebook</i> ”, os autores investigam a criatividade lexical de organizadores de festas universitárias ao nomearem seus eventos. O artigo tem como objetivo “verificar quais são os processos de formação de palavras que compõem os neologismos léxicos que denominam as festas selecionadas” (p. 245). Para isso, os autores analisam um <i>corpus</i> de 40 neologismos de festas universitárias retirados da rede social <i>Facebook</i> .

Fonte: Elaboração própria.

3 Análise dos dados

Nesta seção, apresenta-se a análise realizada dos dados selecionados dos artigos que fazem parte do *corpus* desta pesquisa. É válido salientar que não se tem o objetivo de apresentar como os autores dos artigos realizam a discussão acerca dos dados, mas de selecioná-los e analisá-los tendo por base as proposições de Gonçalves (2019a) e Basilio (2010) acerca do processo de cruzamento vocabular. Para efeito deste trabalho, a análise incidirá sobre dois aspectos, a saber: i) estrutura e ii) criatividade lexical. A partir dessas duas categorias de análise, busca-se verificar a regularidade nos itens lexicais formados por cruzamento vocabular, bem como mostrar a inovação lexical no PB contemporâneo a partir do processo de formação de palavras em questão.

No artigo 1, Soledade (2018) verifica a hipótese de que a antroponímia neológica brasileira é influenciada pela antroponímia de origem germânica e, para isso, analisa os nomes neológicos no Brasil. O primeiro caso de CV verificado pela autora envolve o formativo *Franc(i)(s)-*, destacado de nomes como Francisco e Francisca. Dentre os antropônimos criados com esse formativo, destaca-se o nome *Francitonia* como um possível caso de cruzamento vocabular. Ao contrário do que ocorre nos CVs formados a partir do léxico comum, em que há transparência, sendo possível identificar as bases envolvidas no produto final, as formações de base antroponímica mostram-se menos transparentes, como se pode observar em outros casos arrolados pela autora: *Adilan*, *Julícia* e *Valdilane*. Nesses exemplos, é preciso ter conhecimento da história por trás da criação dos nomes para que se tenha certeza de quais estão contidos na formação.

Com relação à estrutura de *Francitonia*, parece se assemelhar a um caso de combinação truncada, em que as duas bases, nesse caso, prenomes, são truncados: *Francisco/Francisca* (ou qualquer outro nome com o formativo *Franci-*) + *Antônia*. No entanto, como não se sabe a origem do primeiro nome, cabe a possibilidade de que a primeira base, *Franci*, não tenha origem em nomes como *Francisco/a*, mas sim em nomes com maior número de segmentos, a exemplo de nomes levantados pela autora como: *Francinaldo*, *Francineide* e *Franciele*. A hipótese baseia-se no fato de que uma formação com qualquer um desses nomes + *Antônia* resultaria em uma combinação truncada tal como descrita por Gonçalves (2019a, p. 153), de modo que “quando as duas [palavras] apresentam equivalente número de segmentos, há redução em ambas [...]”. No caso do prenome ter como origem *Francisco/a* + *Antônia*, não seria possível enquadrar o nome nesse grupo, uma vez que as bases possuem diferente estrutura métrica.

Em outros nomes apresentados como casos de CV, a exemplo de *Antonor* (Antônio + Antenor) e *Beijamim* (beija + Benjamim), verifica-se o mecanismo de entranhamento lexical. No primeiro caso, a ambimorfemia ocorre no compartilhamento das sílabas /be/ e /ja/ e, no segundo, o compartilhamento se dá na primeira sílaba, /an/, no onset da segunda e terceira sílabas de ambas as bases e /i/ e /o/ se correspondem parcialmente na sobreposição.

De acordo com Silva e Gonçalves (2021), com base em Soledade (2012), a dificuldade em identificar o processo morfológico por trás dos antropônimos decorre do fato de que “o conceito de morfema não pode ser empregado literalmente aos antropônimos, por causa do esvaziamento semântico que sofrem”

(p. 110). Para Kemmer (2003), morfemas tampouco são relevantes para a estrutura dos cruzamentos vocabulares. Segundo a autora,

A sequência fonológica compartilhada é o que dá ao blend sua principal estrutura ou andaime, e o resto da palavra é composta por outros elementos fonológicos advindos dos lexemas-fonte de forma não previsível, guiado por similaridades globais do blend com um ou ambos itens de origem (p. 76)⁹.

Apesar de opacos quanto ao nome de origem nos produtos finais, o cruzamento vocabular mostra-se como um processo importante e produtivo na antroponímia neológica do Brasil. Esse processo merece destaque tendo em vista que a combinação de nomes de familiares ou figuras de homenagem é uma prática recorrente e que demonstra a criatividade linguística do brasileiro (SOLEDADE, 2018).

O estudo de Cardoso e Takakura (2019), no artigo 2, aborda os cruzamentos vocabulares em forma de literatura, focalizando o processo sob a perspectiva da criatividade lexical. Os dados com que as autoras trabalham são formações inusitadas presentes na obra *Palavra desordem* de Arnaldo Antunes.

Cruzamentos vocabulares são populares na literatura por conta de sua natureza criativa, podendo ser encontrados, por exemplo, nas obras de Guimarães Rosa e Mia Couto. Conforme Cardoso (2009), “a atenção a esse processo deve se voltar principalmente para a criatividade lexical, uma vez que se chama a atenção justamente para o inesperado resultante da combinação sintética” (p. 44).

Na obra de Arnaldo Antunes, as formações inusitadas têm o intuito de explorar novos sentidos ao brincar com as palavras, de forma a ocasionar renovações semânticas. Dentre os poemas selecionados pelas autoras, três envolvem formações advindas do processo de cruzamento vocabular, a saber: *superficialma*, *rejuvelhecer* e *imagigabytes*. Em *superficialma* (superficial + alma), há o aproveitamento da sílaba /al/, que é comum às palavras-fonte. Em *rejuvelhecer* (rejuvenescer + envelhecer), o compartilhamento ocorre na sílaba /ve/ e na parte final do circunfixo, o afixo *ecer*. Já em *imagigabytes* (imagem + gigabytes), as bases compartilham o segmento /g/.

Os exemplos arrolados acima evidenciam a função atitudinal, característica dos cruzamentos formados pelo mecanismo de entranhamento lexical, nos quais “se externalizam as atitudes e crenças do emissor e a necessidade que se tem de expressar ponto de vista [...]” (GONÇALVES, 2016, p. 23-24). Em *superficialma*, por exemplo, *alma* se integra ao corpo da palavra *superficial*, criando uma formação expressiva a partir de um paradoxo: a superfície associada à alma, à profundidade. O profundo torna-se superficial. E, para além da formação inusitada, a composição desse poema envolve também outros elementos, como a disposição da palavra na página impressa, o que ressalta a criatividade do poeta ao mesclar duas bases de

⁹ “The shared phonological string is what gives the blend its main structure or scaffolding, and the rest of the word is made up by other phonological elements contributed by the source lexemes in a non-predictable way, guided by global similarities of the blend with one or both source items” (KEMMER, 2003, p. 76).

sentidos opostos, fazendo a relação entre a profundidade e a superfície (CARDOSO; TAKAKURA, 2019).

Em *rejuvenhecer*, o aspecto inovador está, de acordo com as autoras (2019), na união de duas distintas noções temporais, o processo de rejuvenescimento e de envelhecimento, divergentes, mas que podem ser simultâneos entre si, enquanto a idade avança, o ser humano, em termos cognitivos, se torna cada vez mais dependente, como se voltasse aos estágios iniciais do ciclo da vida. Em *imagigabytes* o poeta mescla e provoca tensão entre o ato de imaginar, intrínseco à memória humana, e a memória de um computador.

No artigo 3, Gonçalves (2019b) chama a atenção para os processos morfofonológicos envolvidos nas (des)construções lexicais em nomes de polêmicos líderes religiosos. Dentre os processos verificados, destaca-se o cruzamento vocabular em seus variados mecanismos. Nas cunhagens inventariadas pelo autor, é possível perceber o predomínio de criações com uma carga emocional negativa, que expressam ironia, desprezo e crítica com relação à conduta dessas figuras religiosas, o que corrobora a presença expressiva de CVs nessas formações, uma vez que o valor depreciativo é característico desse processo.

Os dados da pesquisa de Gonçalves (2019b) envolvem o nome de seis polêmicas figuras da esfera religiosa, dentre os quais pode-se encontrar casos de cruzamento vocabular associados ao nome de três: i) Valdemiro Santiago, ii) Cabo Daciolo e iii) Marcelo Crivella.

Todas as formações envolvendo o prenome e sobrenome de Valdemiro Santiago listadas pelo autor são casos de entranhamento lexical, dentre eles: *Valdemijo Sandiabo* e *Valdinheiro*. No primeiro caso, a (des)construção lexical ocorre no nome e sobrenome do religioso. Em *Valdemijo* (Valdemiro + mijo), é incorporado totalmente o qualificador *mijo* à palavra base *Valdemiro*, havendo a correspondência de segmentos idênticos, /m/ e /o/, e correspondência parcial de /r/ para /j/. Em *Sandiabo* (Santiago + diabo), assim como no caso anterior, o qualificador *diabo* está totalmente integrado ao corpo da palavra base e seu reconhecimento se dá unicamente pela sequência /san/. Pode-se afirmar que esses são casos de CVs bem sucedidos, uma vez que a incorporação se dá com mínima interferência fonológica (BASILIO, 2010). Em *Valdinheiro* (Valdemiro + dinheiro), há o compartilhamento da sequência fônica /iro/, que resulta do núcleo da terceira e segunda sílaba de *Valdemiro* e *dinheiro*, respectivamente, mais o *onset* e núcleo da última sílaba de ambas as bases.

Com relação ao nome Cabo Daciolo, os dados são, majoritariamente, casos de combinação truncada, a exemplo de: *Cabo Dacilouco* e *Cabo Dacifofo*. No primeiro exemplo, a palavra de base de maior número de segmentos, *Daciolo*, é truncada, enquanto a menor, *louco*, se concatena a ela, mantendo a mesma pauta acentual (proeminência do acento fonológico) e métrica (número de sílabas) da base maior. O mesmo ocorre em *Cabo Dacifofo* (Daciolo + fofo). No entanto, ao contrário do prenome anterior, expressa-se, aqui, uma avaliação positiva que, de acordo com o autor, se dá por Daciolo ser uma figura carismática, apesar da aparente “loucura” atribuída por alguns durante a campanha eleitoral de 2018, na qual o pastor foi candidato à presidência da república.

Marcelo Crivella, por sua vez, bispo e até então prefeito da cidade de Rio de Janeiro (2017 a 2020), recebeu o cruzamento vocabular *bisprefeito* (bispo + prefeito), um caso de entranhamento lexical em que ambas as bases compartilham o segmento /p/. De acordo com Gonçalves (2019b), a criação foi motivada pelo fato de Crivella ser frequentemente acusado de sobrepor questões religiosas àquelas de ordem política.

A criatividade dessas (des)construções lexicais está na renovação semântica dos nomes de líderes religiosos de forma a manifestar, ao mesmo tempo, escárnio e crítica com relação à conduta moral dessas figuras. Exemplo claro disso é o caso de *Valdinheiro* (Valdemiro + dinheiro), atribuído ao fundador da Igreja Mundial do Poder de Deus, como uma crítica “em decorrência da suspeita de enriquecimento ilícito através da comercialização de bovinos” (GONÇALVES, 2019b, p. 912). Embora sejam criações efêmeras e, nesses casos, dependentes de contextos para serem interpretadas, de acordo com o autor, esses usos “revelam habilidades cognitivas como a analogia, ajudando-nos a compreender como o falante (des)constrói construções por similaridades e expõe ponto de vista [...]” (p. 916-917).

No artigo 4, Bevilacqua e Silva (2020) em sua pesquisa buscam entender a concepção de novos constituintes morfológicos que não se encaixam no conceito tradicional de morfema e, para isso, apresentam as diferenças entre as morfologias concatenativa e não concatenativa, destacando três processos de formação de palavras, dentre eles, o cruzamento vocabular.

Partindo do princípio de que o cruzamento vocabular é um processo formativo “marginal”, os autores apresentam formações como: *carnatal*, *apartamento* e *namorido*. Em termos de estrutura, as três formações enquadram-se no mecanismo de entranhamento lexical. Em *carnatal* (carnaval + natal), verifica-se o compartilhamento da sílaba /na/ entre as formas de base e, com relação ao aspecto semântico, a formação faz alusão ao desejo de que o feriado de carnaval se estenda até o natal¹⁰. Em *apartamento* (aperto + apartamento), a sobreposição ocorre na sequência /apert/ com correspondência parcial de /e/ em *aperto*, para /a/, em *apartamento*. Já em *namorido* (namorado + marido), a ambimorfemia apresenta-se no compartilhamento dos segmentos /m/, /r/ e da sílaba /do/.

Vale ressaltar que os últimos dois exemplos constam no dicionário *Michaelis Português Brasileiro (on-line)*, que os registra do seguinte modo, respectivamente:

(a.per.ta.men.to) sm. IRON, COLOQ. Apartamento pequeno demais.

(na.mo.ri.do) sm. Homem com quem se mantém um relacionamento amoroso, misto de namorado e marido.

Esses exemplos reforçam o objetivo expressivo dos cruzamentos vocabulares, uma vez que seus elementos qualificadores se incorporam “no

¹⁰ Carnatal também é o nome do carnaval fora de época que ocorre desde 1991 em Natal, no Rio Grande do Norte (G1, 2013). A nomeação é, portanto, um CV à medida que realiza a fusão da festividade, carna(val), + a cidade de ocorrência do evento, Natal. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/carnatal/2013/noticia/2013/12/carnatal-completa-22-anos-conheca-historia-da-micareta.html>. Acesso em: 15 fev. 2023.

significado global da palavra base para provocar algum tipo de impacto” (BASILIO, 2010, p. 204). Dessa forma, modifica-se a denominação. No caso de *namorido*, por exemplo, não há mais o homem com quem se mantém uma relação de namoro ou matrimônio, mas, sim, um misto dos dois.

Apesar de considerarem o CV um processo “marginal” por não ser constituído por morfemas, os autores afirmam que a morfologia não concatenativa repensa o conceito de morfema, pois “não se pauta apenas na morfologia, mas também na fonologia”, podendo, assim, ser chamada de “morfologia prosódica” (BEVILACQUA; SILVA, 2020, p. 357). Desse modo, propõem uma nova concepção de morfema e concluem que “qualquer elemento que participa da e na construção da palavra pode constituir um morfema” (BEVILACQUA; SILVA, 2020, p. 369). Nesse sentido, pressupõe-se que o CV deixaria então de ser um processo irregular, com lógica de formação destrutiva, uma vez que as partes de um CV constituiriam um morfema, sem, necessariamente, “destruir” as palavras-fonte envolvidas na formação.

Gonçalves (2020a), no artigo 5, descreve os processos morfofonológicos envolvidos nas cunhagens expressivas envolvendo o nome e sobrenome do até então presidente da república, Jair Bolsonaro. O processo de CV é destaque em um vasto *corpus* de cerca de 150 (de)formações, o qual foi construído a partir da coleta de exemplos em fontes informais, a exemplo de redes sociais, em que geralmente são encontrados em maior quantidade. Dentre as cunhagens expressivas inventariadas pelo autor, destaque-se: *Bolsonero*, *Boçalnaro* e *Bozonaro*.

As construções acima, assim como grande parte dos dados apresentados pelo autor, são formadas a partir do sobrenome do ex-presidente e consistem em casos de entranhamento lexical. Em termos de estrutura, em *Bolsonero* (Bolsonaro + Nero), a base menor encontra-se inteiramente contida na base de maior número de segmentos, numa interferência fonológica mínima capaz de evocar o qualificador (BASILIO, 2010). Já em *Boçalnaro* (boçal + Bolsonaro) assim como em *Bozonaro* (Bozo + Bolsonaro), o elemento qualificador está totalmente contido na forma cruzada, mas a quantidade de segmentos compartilhados é menor em virtude do baixo grau de semelhança fônica entre as bases (GONÇALVES, 2020a). Observa-se também que, em todos esses casos, a estrutura métrica do produto é a mesma da base maior.

Em termos semânticos, a primeira cunhagem, por exemplo, faz uma comparação entre o ex-presidente e o “imperador-incendiário Nero, numa alusão às inúmeras queimadas na região amazônica” (GONÇALVES, 2020a, p. 659), o que deixa claro o posicionamento crítico do falante/escrevente com relação à política ambiental do governo. Em *Boçalnaro*, é colocada em xeque a polidez do então chefe do executivo. Já em *Bozonaro*, *Bozo* faz referência ao personagem palhaço que fez sucesso na rede de televisão SBT nos anos 1980, numa tentativa de ridicularizar a figura política em questão. Logo, percebe-se que CVs não são criações ingênuas, mas, sim, “carregada[s] de jocosidade, ironia ou despreço, ao momento ou contexto para o qual ou no qual foram criadas” (SANDMANN, 1992, p. 60). Apesar de não serem responsáveis pela ampliação do léxico do PB, é preciso ressaltar o valor dessas formações enquanto registro de acontecimentos socioculturalmente situados, “pois, vingando ou não, pelo menos deixam, na língua, sobretudo nessa

era digital, vestígios de como o falante avalia uma entidade em um período sócio-histórico específico” (GONÇALVES, 2020a, p. 671).

No artigo 6, Gonçalves (2020b) mapeia as estratégias envolvidas em formações que têm por base o composto neoclássico *coronavírus*, observando seus aspectos morfológicos e semânticos. Em síntese, palavras novas são criadas para dar conta de uma nova realidade e o período de pandemia da *COVID-19* mostrou-se um terreno fértil para a criação vocabular, visto que o usuário da língua precisou se referir a essa nova realidade que compreende eventos, ações e objetos até então desconhecidos. Posto isso, o autor apresenta novas palavras criadas a partir da formação técnica *coronavírus*, que, observado o contexto da época, têm o intuito de mostrar os efeitos do contágio viral, bem como de expressar ponto de vista com relação ao presidente da república daquela ocasião.

Os casos de cruzamento vocabular arrolados pelo autor envolvendo o nome da doença são do domínio político e relacionam-se ao então chefe do executivo, Jair Bolsonaro, sendo dois deles bastante representativos: *bolsonavírus* e *COVARD-17*. *Bolsonavírus* (Bolsonaro + vírus), apesar de, em um primeiro momento, aparentar ser um caso de combinação truncada de bases de tamanhos diferentes, constitui caso de entranhamento lexical porque *vírus*, aqui, não é uma forma isolada, mas que remete a *coronavírus* e, dessa forma, compartilha segmentos idênticos com a primeira base, como o /o/, núcleo da primeira e segunda sílabas de ambas as bases, assim como a sílaba /na/, mantida integralmente no produto. De acordo com Gonçalves (2020b), esse item lexical foi cunhado por Fernando Haddad¹¹, ex-ministro da Educação, em entrevista dada à Folha de São Paulo, para se referir à nocividade do governo Bolsonaro com relação às minorias, comparando-o ao vírus em questão.

Outro caso de entranhamento lexical é a formação *COVARD-17* (*COVID* + *covarde* 17), que faz a fusão da sigla técnica em língua inglesa (*corona vírus disease*) e do adjetivo *covarde*. Esses elementos só se diferem pelos segmentos /ar/ e /i/ na sílaba tônica de *covarde* e *COVID*, respectivamente, e se igualam na estrutura métrica e silábica, com proeminência na mesma sílaba e o mesmo número de sílabas, o que ocorre graças ao fenômeno de epêntese vocálica na sigla, caracterizando um caso exemplar de CV por entranhamento, como explica Gonçalves (2020b). O curioso dessa formação é a presença do número 17, principal responsável por dar sentido a essa criação, visto que há o qualificador, mas não a denominação, sendo assim, o número faz referência ao ex-presidente da república que venceu as eleições pelo PSL, legenda cujo número é 17, resultando, dessa forma, em uma expressão análoga à *COVID-19*.

Desse modo, para além da necessidade de nomear tudo o que envolve uma nova realidade, o usuário da língua, atento aos acontecimentos ao seu redor, manipula intencionalmente a forma linguística que denomina o vírus e cria uma série de novas palavras. Estão incluídas aí formações de cunho expressivo que

¹¹ Vale ressaltar que Jair Bolsonaro venceu as eleições presidenciais de 2018, precisamente, contra Fernando Haddad, o que corrobora o pensamento de Basilio (2010), para quem os cruzamentos vocabulares “não são formações inocentes; ao contrário, têm a função de nos levar a considerar novas (ir)realidades, seja pela contradição, seja pela maximização da força simbólica de elementos já existentes” (p. 204).

relacionam o nome do ex-presidente da república ao vírus com a intenção de manifestar repúdio em relação à postura do então governante perante o enfrentamento de uma das maiores pandemias da história.

A pesquisa de Ferraz e Liska (2021), no artigo 7, focaliza a inovação lexical a partir de formações neológicas advindas de manchetes jornalísticas no contexto social de pandemia da *COVID-19*. Os neologismos formados por cruzamento vocabular elencados pelos autores têm por base *corona* que, apesar de ocorrer de forma autônoma na língua portuguesa, funciona, aqui, como a forma truncada de *coronavírus*. Desse modo, tais criações neológicas foram formadas a partir dessa palavra-matriz, sendo elas: *CoronaVac*, *CoronAlert* e *Coronafest*.

A criação neológica *CoronaVac* (*corona* + *vacina*), designação dada à vacina do Instituto Butantan contra a *COVID-19* feita em parceria com a biofarmacêutica Sinovac Biotech, é produto do mecanismo de entranhamento lexical devido ao fato de que, como mencionado anteriormente, a primeira base provém da matriz *coronavírus*, portanto ambas as bases compartilham o segmento /v/.

Em *CoronAlert* (*corona* + *alert*), a ambimorfemia ocorre apenas no núcleo da última sílaba de *corona* e da primeira sílaba de *alert*, base da língua inglesa que se traduz por *alerta*. Esse mostra-se um caso mais específico de denominação, em que o conhecimento acerca do contexto de criação da palavra é fundamental para que seja compreendida. De acordo com a manchete que integra o *corpus* da pesquisa, *CoronAlert* é um “aplicativo [que] emite alerta ao se aproximar de indivíduos com coronavírus” (FERRAZ; LISKA, 2021, p. 1059).

Coronafest (*corona* + *fest*), por sua vez, constitui caso de combinação truncada, uma vez que não há compartilhamento de material fonológico. Com relação à segunda base, acredita-se que se trata de um empréstimo linguístico oriundo da língua alemã que se traduz por *festival*. De acordo com o *Collins Dictionary (on-line)*, a palavra tem baixa frequência de uso, no entanto aparece constantemente em compostos que nomeiam eventos festivos, exemplo disso são a *Oktoberfest* e o *Deutschesfest*, festivais que celebram as tradições alemãs no sul do Brasil. Em termos semânticos, assim como *CoronAlert*, esse também mostra-se um caso de designação bastante interessante, pois, apesar de ser possível compreender o seu significado fora do contexto de origem, sem o conhecimento situacional não seria possível depreender a real intenção por trás dessa nova formação. A criatividade desse exemplo está no contraditório, posto que um vírus nunca é motivo de celebração, portanto, percebe-se a intenção de chamar a atenção do público leitor para noticiar um acontecimento contraditório, como pode-se observar na manchete destacada pelos autores: “**Coronafest**: morador ignora covid e faz festa com som alto, bebida e crianças” (FERRAZ; LISKA, 2021, p. 1059). Aqui, assim como em Gonçalves (2020b), observa-se a produtividade da base *corona-*, que é adjungida a outras bases existentes, contribuindo para a expansão lexical de forma a dar conta do novo contexto social ocasionado pela pandemia da *COVID-19*.

No artigo 8, Gonçalves e Silva (2021) descrevem o fenômeno da *shippagem*, prática popular entre os adolescentes que consiste em torcer por relações afetivas entre personagens da ficção ou pessoas da vida real e, conseqüentemente, nomeá-las. Oriundo da palavra *relationship*, que em inglês significa *relacionamento*, os *ships* são formados, conforme os autores, majoritariamente pelo processo de CV,

prevalecendo o mecanismo de combinação truncada. Partindo de um extenso *corpus* de 212 dados, os quais foram retirados em sua maioria da internet, três casos são bastante representativos: *Paugner*, *Belidolfo* e *Afonsália*.

Paugner (Paula + Wagner), *ship* atribuído ao casal do *reality show Big Brother Brasil* (Rede Globo, 2018), constitui caso de combinação truncada de bases de mesmo número de segmentos, em que há a mescla das margens esquerda da primeira base e direita da segunda base. De acordo com Gonçalves e Silva (2021), o padrão dominante na estrutura dos *ships* é o que faz uso dos segmentos iniciais da primeira base com os finais da segunda. Esse é, em geral, o típico padrão de formação desses CVs, como pode ser observado nos três exemplos aqui elencados. O mesmo ocorre em *Belidolfo* (Belisa + Rodolfo), *ship* conferido ao casal da novela *Deus salve o rei* (Rede Globo, 2017), em que há o aproveitamento da margem esquerda de Belisa e da última e penúltima sílaba de Rodolfo. Esses exemplos fazem parte de 85% dos dados levantados pelos autores, ou seja, da grande maioria formada por esse padrão estrutural.

Em *Afonsália* (Afonso + Amália), *ship* atribuído ao casal da mesma novela mencionada acima, verifica-se a ambimorfemia no primeiro /a/ e correspondência parcial entre /f/ e /m/ devido à posição estrutural de *onset* e à semelhança fônica entre os segmentos, uma vez que ambos são labiais. De acordo com os autores, na formação dos *ships* também é tido em conta o menor número possível de apagamentos. No caso de *Afonsália*, “somente a vogal final de Afonso e átona inicial de Amália não aparecem no produto” (GONÇALVES; SILVA, 2021, p. 351). Dessa forma, quanto maior for o número de segmentos mantidos, maior é a possibilidade de rastreamento das bases envolvidas na formação de um *ship*.

Os *ships*, enquanto palavras criadas majoritariamente pelo mecanismo de combinação truncada, são mais designativos do que expressivos. No entanto, ainda que a função atitudinal (GONÇALVES, 2016) seja mais comum entre os casos de entranhamento lexical, o significado difundido pelos *ships* também é de natureza expressiva, evidenciando sua função atitudinal, uma vez que o usuário da língua demonstra o desejo de que duas pessoas, seja no mundo fictício ou não, se envolvam em uma relação afetiva (GONÇALVES; SILVA, 2021). Tendo em vista tamanha especificidade, a vida dessas formações no código linguístico de uma comunidade é efêmera, uma vez que ficam restritas a um determinado público, predominantemente jovem.

Silva, Castorino e Xavier (2021), no artigo 9, focalizam as inovações linguísticas a partir da investigação dos processos neológicos que dão origem a nomes de festas universitárias divulgadas na rede social *Facebook*. De acordo com os autores, o foco nos nomes dessas festas justifica-se pela criatividade lexical singular daqueles que promovem esses eventos, chamados de *promoters*. Dentre as nomeações verificadas pelos autores, encontram-se: *MEDerruba*, *ENFarra* e *Universipraia*¹².

Em termos de estrutura, os dois primeiros casos enquadram-se no mecanismo de entranhamento lexical. Em *MEDerruba* (Medicina + derruba), nome atribuído à festa dos calouros do curso de Medicina, a sílaba /de/ resulta do *onset* da sílaba /di/ na primeira base mais o núcleo da sílaba /de/ na segunda base. Já

¹² As três formações aqui elencadas encontram-se com a inicial maiúscula também no texto original.

em *ENFarra* (Enfermagem + farra), compartilha-se apenas o /f/, *onset* das sílabas /fer/ na primeira base e /fa/ na segunda. *Universipraia* (Universitária + praia), festa de universitários que acontece na praia, constitui caso de combinação truncada em que a base maior (que geralmente é a primeira) sofre truncamento enquanto a menor se concatena a ela.

Os casos acima são representativos da maioria dos cruzamentos vocabulares verificados pelos autores, sendo seis casos de entranhamento lexical e cinco de combinação truncada. No entanto, há mais cinco casos classificados apenas como *cruzamento vocabular*, sem nenhuma especificação, a exemplo de *carnafacul* e *odontovet* que, apesar de não serem enquadrados em nenhum dos mecanismos mencionados anteriormente, são casos que se aproximam da combinação truncada por não haver compartilhamento de material fonológico.

Em nomes de festas universitárias, é comum observar a união de nomes de cursos diferentes, universidades, repúblicas estudantis e até mesmo nomes de bebidas alcoólicas consumidas nesses eventos (SILVA; CASTORINO; XAVIER, 2021). Essas são, portanto, lexias bastante específicas, visto que denominam uma realidade particular e têm como objetivo chamar a atenção de um público específico, o que caracteriza os neologismos em geral e corrobora a presença expressiva de cruzamentos vocabulares dentre os processos verificados pelos autores.

Para elucidar os dados apresentados até o momento, apresenta-se, no Quadro 3, uma visão geral dos cruzamentos vocabulares analisados, considerando as duas categorias de análise: estrutura e criatividade.

Quadro 3: Síntese dos resultados

Artigo	Cruzamento vocabular	Estrutura	Criatividade lexical
1	<i>Francitonia; Antonor; Beijamim.</i>	Entranhamento lexical; formação irregular.	Inovação ao combinar diferentes antropônimos.
2	<i>superficialma; rejuvenhecer; imagigabytes.</i>	Entranhamento lexical.	Objetivo de provocar reflexão.
3	<i>Valdemijo Sandiabo; Valdinheiro; Cabo Dacilouco; Cabo Dacifofo; bisprefeito.</i>	Entranhamento lexical; combinação truncada.	Manifestação de crítica e escárnio.

4	<i>carnatal; apertamento; namorido.</i>	Entranhamento lexical.	Renovação lexical: criações consagradas pelo uso em decorrência do poder expressivo.
5	<i>Bolsonero; Boçalnaro; Bozonaro.</i>	Entranhamento lexical.	Manifestação de crítica e escárnio.
6	<i>Bolsonavírus; COVARD-17.</i>	Entranhamento lexical.	Manifestação de crítica e repúdio.
7	<i>CoronaVac; CoronAlert; coronafest.</i>	Entranhamento lexical; combinação truncada.	Inovação ao denominar objetos e chamar a atenção de um público alvo.
8	<i>Paugner; Belidolfo; Afonsália.</i>	Combinação truncada; entranhamento lexical.	Inovação ao combinar diferentes antropônimos.
9	<i>MEDerruba; ENFarra; Universipraia; carnafacul; odontovet.</i>	Entranhamento lexical; combinação truncada; formações irregulares.	Inovação ao denominar eventos e chamar a atenção de um público alvo.

Fonte: Elaboração própria.

Em relação à categoria *estrutura*, percebe-se que o mecanismo que se destaca na formação dos CVs mencionados acima é o de entranhamento lexical. No que se refere à categoria *criatividade lexical*, interpreta-se que sobressai a função atitudinal (GONÇALVES, 2016), a exemplo de 4, 5 e 6. Tal afirmação corrobora o predomínio de formações por entranhamento lexical, haja vista que esse mecanismo é caracterizado pela função atitudinal, em que pode ser observada a externalização das impressões do emissor acerca de algo ou alguém.

À guisa de conclusão, a seção subsequente encaminha as palavras finais deste artigo.

Considerações finais

Tendo em vista o objetivo deste estudo, o de verificar a abordagem do processo de cruzamento vocabular no âmbito da morfologia, a partir da análise realizada foi possível constatar que os CVs mostram-se uma tendência no português brasileiro, podendo ser encontrados nos mais diversos contextos de comunicação, que vão do domínio jornalístico ao literário. Com relação a esse

último campo, ao contrário do valor depreciativo veiculado pela maioria dos cruzamentos vocabulares, as formações inovadoras em forma de literatura revelam um lado até então pouco conhecido desse processo, que é a capacidade de provocar reflexão pela união de ideias contraditórias. Afora esse caso, destaca-se também, nesse estudo, as formações que têm como objetivo manifestar crítica e escárnio, de modo a demonstrar repúdio com relação a algo ou alguém, revelando o poder expressivo dos CVs e a criatividade linguística do falante/escrevente do português brasileiro que inova ao combinar duas palavras para formar uma terceira com diferentes objetivos.

Para além disso, observa-se uma certa regularidade nas formações aqui analisadas de acordo com os mecanismos estabelecidos por Gonçalves (2019a), à exceção daquelas que envolvem apenas bases antroponímicas, devido ao esvaziamento semântico que sofrem (SOLEDADE, 2012), dificultando, dessa forma, sua sistematização. No tocante aos antropônimos, é interessante observar também que cinco dos nove artigos analisados fazem referência a nomes próprios, podendo ser um importante aspecto dos cruzamentos vocabulares.

Diante do que foi exposto, entende-se que, apesar de atrelado ao uso criativo da linguagem, da dependência de contexto para sua interpretação e, conseqüentemente, da efemeridade, o processo de formação de palavras aqui analisado revela-se importante enquanto registro da visão de mundo e do saber linguístico de uma comunidade em um determinado período sócio-histórico.

Referências

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.
- ANDRADE, Katia Emmerick. Cruzamento vocabular. In: GONÇALVES, Carlos Alexandre (Org.). *Processos "marginais" de formação de palavras*. Campinas: Pontes, 2016. p. 33-55.
- ARONOFF, Mark. *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge: The MIT Press, 1976.
- BASILIO, Margarida. Fusão vocabular expressiva: um estudo da produtividade e da criatividade em construções lexicais. In: *XXV ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA*. Porto: APL, 2010. p. 201-210.
- BEVILACQUA, Cleci Regina; SILVA, Fernando Moreno da. Morfologia concatenativa e morfologia não concatenativa: do princípio morfológico ao princípio prosódico. *Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, n. 60, p. 353-372, 2021.
- CARDOSO, Elis de Almeida. Cruzamentos lexicais no discurso literário. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 10-11, p. 43-52, 2009.
- COLLINS. *Collins German Dictionary* (on-line). Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english-german>. Acesso em: 04 fev. 2023.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 2009.

CARDOSO, Elis de Almeida; TAKAKURA, Sandra Mina. Palavra desordem: os jogos lexicais de Arnaldo Antunes. *Revista do GEL*, v. 16, n. 3, p. 72-90, 2019.

DUARTE, Inês. Uso da língua e criatividade. In: FONSECA, Fernanda Irene; DUARTE, Isabel Margarida; FIGUEIREDO, Olívia (Org.). *A linguística na formação do professor de português*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, 2001. p. 107-123.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006.

FANDRYCH, Ingrid. Submorphemic elements in the formation of acronyms, blends and clippings. *Lexis – E-Journal in English Lexicology*, v. 2, p. 102-121, 2008.

FERRAZ, Aderlande Pereira; LISKA, Geraldo José Rodrigues. Pandemia e neologia em manchetes jornalísticas: criatividade lexical em foco. *Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)*, v. 50, n. 3, p. 1047-1063, 2021.

FREITAS, Mirelle da Silva. *Metapesquisa em ensino e aprendizagem de línguas: um estudo modelar com foco em interação*. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. A crença nas palavras: (des)construções lexicais em antropônimos de líderes religiosos. *Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)*, v. 48, n. 2, p. 899-918, 2019b.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Morfologia*. São Paulo: Parábola, 2019a.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Uma análise construcional das (de)formações lexicais com os nomes do atual chefe do executivo. *Gragoatá*, v. 25, n. 52, p. 648-687, 2020a.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Uma análise construcional das formações lexicais baseadas em coronavírus no português brasileiro contemporâneo. *Revista Linguística*, v. 16, n. 2, p. 89-111, 2020b.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. Algumas notas sobre Morfologia Relacional: uma “prima” da Gramática das Construções. *SOLETRAS*, n. 41, p. 290-314, 2021.

GONÇALVES, Carlos Alexandre; SILVA, Vitória Benfica da. O fenômeno da shippagem na nomeação de casais: um novo emprego do cruzamento vocabular. *Revista do GEL*, v. 18, n. 3, p. 335-365, 2021.

KEMMER, Suzanne. Schemas and lexical blends. In: CUYCKENS, Hubert *et al.* (Org.). *Motivation in Language*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

MAINARDES, Jefferson. Metapesquisa no campo da política educacional: elementos conceituais e metodológicos. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 34, n. 72, p. 303-319, 2018.

MICHAELIS. *Michaelis Português Brasileiro* (on-line). Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 03 jan. 2023.

PIÑEROS, Carlos Eduardo. *Word-blending as a case of non-concatenative morphology in spanish*. Rutgers University: Rutgers, 2000.

SANDALO, Maria Filomena Spatti. Morfologia. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. V. 1. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SANDMANN, Antônio José. *A linguagem da propaganda*. São Paulo: Contexto, 1993.

SANDMANN, Antônio José. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor, 1985.

SANDMANN, Antônio José. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

SILVA, Maiune de Oliveira; CASTORINO, Pauler; XAVIER, Vanessa Regina Duarte. Inovação lexical na rede social: as criações neológicas para nomes de festas universitárias no Facebook. *Revista Moara*, n. 58, p. 243-261, 2021.

SILVA, Vitória Benfica da.; GONÇALVES, Carlos Alexandre. O cruzamento vocabular na formação de nomes de batismo. In: SOLEDADE, Juliana; SIMÕES NETO, Natival Almeida. (Orgs.). *Nomes próprios: abordagens linguísticas*. Salvador: EDUFBA, 2021, p. 99-118.

SOLEDADE, Juliana. A hipótese da prevalência de construções biformativas em processos concatenativos e não concatenativos na formação de antropônimos neológicos no Brasil. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 61, p. 30-48, 2018.

VILLALVA, Alina. *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

Para citar este artigo

MORAIS, Patricia de Oliveira. Metapesquisa acerca do cruzamento vocabular como um processo de formação de palavras no português brasileiro contemporâneo: criatividade e renovação lexical. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 12, n. 3, p. 238-262, set.-dez. 2023.

Autoria

Patricia de Oliveira Morais é graduanda do curso de Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Bagé, Rio Grande do Sul. Foi bolsista CAPES pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Atualmente é bolsista do Programa de Residência Pedagógica. E-mail: patricia-oliveiramorais@hotmail.com; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2810-9932>.